

Gênero e sexualidade nos espaços escolares rurais

Autores:

Antoniél dos Santos Gomes Filho

Mestre em Educação (UFC), pesquisador do Núcleo de Estudo e Pesquisa em Ensino de Ciências e Biologia (NepecBio - URCA/CNPq) e do Grupo de Pesquisa sobre Contemporaneidade, Subjetividades e Novas Epistemologias (G-Pense - UPE/CNPq), professor da Universidade Regional do Cariri, Campos Sales

Cícero Magerbio Gomes Torres

Pós-doutor (UECE) e Doutor em Educação (UFC), líder do Núcleo de Estudo e Pesquisa em Ensino de Ciências e Biologia (NepecBio - URCA/CNPq), professor da Universidade Regional do Cariri, Crato

DOI: 10.58203/Licuri. 21646

Como citar este capítulo:

GOMES FILHO, Antoniél dos Santos; TORRES, Cícero Magerbio Gomes. Gênero e sexualidade nos espaços escolares rurais. In: OLIVEIRA, Habyhabanne Maia (Org.). **Perspectivas e Reflexões sobre a Educação**. Campina Grande: Licuri, 2023, p. 61-71.

ISBN: 978-65-85562-16-4

Resumo

Estudos no campo educacional tem buscado compreender como as questões de gênero e sexualidade emergem nos espaços escolares. Observa-se que, as pesquisas têm sido desenvolvidas em sua maioria nos espaços escolares urbanos, ao passo que, os espaços escolares rurais e suas dinâmicas em relação ao gênero e sexualidade tem sido mais pontual, o que aponta para um campo de pesquisa em potencial. Assim, o presente estudo tem como objetivo apresentar uma revisão da literatura sobre as publicações em gênero e sexualidade nos espaços escolares rurais entre os anos de 2022-2023. Para tal, foi realizada uma revisão de literatura, com foco na narração dos artigos selecionados para análise. Com base no material analisado pode-se apontar que: questões de gênero e sexualidade são emergentes nos espaços escolares rurais, implicando a compreensão das dinâmicas próprias destes espaços; há dificuldades encontradas pelos professores/as no que tange as práticas pedagógicas em sala de aula sobre as temáticas de diversidade, gênero e sexualidade, demandando, portanto, processos de formação continuada.

Palavras-chave: Diversidade Humana. Escola. Zona Rural.

INTRODUÇÃO

Questões de gênero e sexualidade são foco de pesquisas no campo educacional brasileiro, de modo mais amplo, desde fins dos anos de 1990 (Vianna, et al., 2009). Dentre os diversos textos e artigos publicados no período em periódicos educacionais e livros, pode-se apontar como marcos iniciais e ampliatórios da temática as publicações dos textos: *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*, de Guacira Lopes Louro, publicado no ano de 1997 pela Editora Vozes. E o texto: *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*, livro também organizado por Louro nos anos 2000, que reuniu textos traduzidos para o português de pesquisadores/as de influência mundial (ocidental) no campo dos estudos de gênero e sexualidade, a saber: Jeffrey Weeks, Deborah Britzman, bell hook, Richard Parker e Judith Butler.

Artigos de revisão da literatura (Santana; Messias; Pinho, 2021; Furlanetto et al., 2018; Dias; Oliveira; Santos, 2018; Zerbinati; Bruns, 2017) tem apresentado panoramas sobre o gênero e a sexualidade e suas interfaces com os espaços escolares, os professores e sua formação (inicial e continuada), as percepções da família sobre a educação sexual na escola, e, a percepção e experiências de escolares sobre a sexualidade, o gênero e o corpo.

Observa-se nas revisões mencionadas que os espaços escolares onde as pesquisas foram desenvolvidas, são espaços urbanos, que são atravessados por um conjunto de serviços e infraestrutura próprios das cidades (Corrêa, 1995). Os espaços rurais são constituidores da formação do Brasil, e, na contemporaneidade são fundamentais para o desenvolvimento do país (Navarro, 2010).

A escola está presente nas zonas rurais, assim, como aponta Caldart (2003), os espaços rurais no Brasil estão em movimento e a escola que está neste espaço acompanha esse movimento e suas demandas sociais, econômicas, políticas e culturais. Como aponta Marques (2002), os espaços rurais brasileiros têm passado por mudanças no que tange suas funções, conteúdo e infraestrutura social. Logo, tais mudanças são produtoras de uma nova escola rural. Assim, partindo da compreensão que as questões de gênero e sexualidade são emergentes na escola rural, surge uma questão: O que apontam as publicações em gênero e sexualidade nos espaços escolares rurais? Assim, diante do contexto apresentado, o presente estudo tem como objetivo: apresentar uma revisão da

literatura sobre as publicações em gênero e sexualidade nos espaços escolares rurais entre os anos de 2022-2023.

Em termos metodológicos, a pesquisa segue as orientações de Hohendorff (2014) para o desenvolvimento de artigos de revisão de literatura; e as orientações de Cordeiro et al. (2007) para artigos de revisão da literatura narrativa, que apresenta uma temática mais aberta e que contém uma maior interferência da percepção subjetiva dos autores/as.

Assim, para busca dos artigos apresentados utilizou-se como base de dados o *Google Acadêmico* e a *Scientific Electronic Library Online*, tendo como descritores as palavras-chave: gênero e sexualidade, espaços escolares e zona rural. Foram critérios de seleção dos artigos: (01) ser publicado entre os anos de 2022 e 2023; (02) o estudo teórico ou prático ter como tema central as questões de gênero e sexualidade em espaços escolares rurais; e, (03) o estudo está publicado em língua portuguesa e ter acesso aberto ao artigo completo. Foram critérios de exclusão: (01) estudos duplicados; (02) estudos que não tratavam diretamente da temática; e, (03) estudos em língua estrangeira e que disponibilizavam apenas o resumo para consulta.

Como ressalta Brofman (2018), as publicações de artigos científicos em periódicos na atualidade é o modo mais rápido para circulação dos resultados de uma pesquisa, desse modo, quando se realiza uma pesquisa de revisão da literatura, o foco recai sobre estes artigos publicados, mostrando assim as evidências e panoramas mais recentes do tema investigado. Assim, estudos publicados em formato de monografia, dissertação e tese, foram observados na busca inicial, todavia não foram selecionados para compor esta pesquisa. Compõe a revisão os estudos: *Diversidade de gênero e educação nas áreas rurais do Brasil*, de Sônia Fátima Schwendler e Else Vieira (2022); *Gênero e sexualidade na escola do campo: desafios e possibilidades da prática docente*, de Luciane Olegario da Silva e Sônia Fátima Schwendler (2022); *Escola da Terra no estado de Goiás: uma proposta interdisciplinar do debate de gênero para o currículo*, de Elisandra Carneiro de Freitas Cardoso, Welson Barbosa Santos e Wender Faleiro (2022); *Gênero e sexualidade na dinâmica escolar campesina*, de Welson Barbosa Santos, Mauro Machado Vieira e Denise de Oliveira Alves (2023); e, *Diversidade sexual: perspectivas docentes em unidades escolares rurais de São Raimundo Nonato (Piauí, Brasil)*, de Thyanne Michelle Ferreira Alves e Fulvio Torres Flores (2023).

GÊNERO E SEXUALIDADE NOS ESPAÇOS ESCOLARES RURAIS: O QUE APONTAM AS PUBLICAÇÕES?

Schwendler e Viera (2022) apontam que existe uma lacuna nos estudos de gênero e sexualidade em espaços rurais e nas escolas do campo no Brasil. As autoras destacam que, com as mudanças no território rural apenas nos últimos anos vem se observando uma especificidade sobre as questões de gênero e sexualidade em contextos rurais nas ciências sociais e humanas. É importante salientar que a homossexualidade no campo era analisada através dos processos migratórios, ou seja, a ideia de que homens gays saiam dos espaços rurais para os espaços urbanos para viver sua sexualidade. Destacam as autoras, que tal quadro analítico promoveu uma dicotomia e hierarquização entre o urbano e o rural, promovendo assim uma marginalização do rural, e uma caracterização simplista deste espaço.

Diversas pesquisas têm buscado uma melhor compreensão das dinâmicas de gênero nos espaços rurais, ou seja, observa-se “a importância de uma agenda de pesquisa que reconheça essa diversidade e a maneira criativa pela qual os sujeitos rurais, interioranos, indígenas, quilombolas, caboclos e ribeirinhos constituem relações afetivas [...]” que questionam os modelos hegemônicos de normalidade (hetero)sexual, advindos de ideais urbanos, logo, há contextos afetivos e sexuais que são próprios dos espaços rurais (Schwendler; Viera, 2022, p. 2). As autoras apontam para processos migratórios urbano-rurais no Brasil, o que tem proporcionado uma maior aceitabilidade de pessoas LGBTQIAP+ no campo.

Outro ponto, são as mudanças culturais que atingem mais diretamente as juventudes camponesas, proporcionadas pela ampliação dos processos de escolarização, que proporciona novas sociabilidades, bem como, conflitos e tensões de ordem geracional. Schwendler e Viera (2022) evidenciaram que nos contextos contemporâneos há de se pensar em transitoriedades espaciais rurais-urbanas / urbanas-rurais.

Sobre a diversidade de gênero nos espaços escolares, Schwendler e Viera (2022), apontam que a os temas em sexualidade são atravessados por um olhar biomédico, assim, a temática surge para crianças e jovens do campo e de assentamentos através da mídia, especificamente TV e internet. Assim, em pesquisa com escolares de assentamentos de Reforma Agrária no Paraná, Schwendler e Viera (2022) observaram dificuldades iniciais sobre conversas em relação a diversidade de gênero, os estudantes apontaram o

preconceito, atravessado por questões religiosas que surgiam fora da escola, foram apontados como dificultadores das conversas. Assim, as oficinas pedagógicas foram fundamentais para promoção do debate, bem como para desconstrução de preconceitos e práticas de homofobia.

Silva e Schwendler (2022) em estudo sobre as práticas docentes na escola do campo, realizaram uma pesquisa junto ao corpo docente (professores/as, equipe pedagógica e direção) da Escola Estadual do Campo José Martí, localizada no Assentamento Oito de Abril, Jardim Alegre, no Estado do Paraná. No que tange a perspectiva sobre gênero e sexualidade do corpo docente entrevistado, as autoras apontam duas dimensões analíticas, a saber: 01) Concepção binária e patriarcal; e, 02) Diversidade de gênero. Observam as autoras que a maioria dos docentes apresentou percepções correlacionadas a primeira dimensão, enquanto a minoria (principalmente as mulheres) se enquadra na segunda dimensão, uma vez que, “compreende que existe o feminino e o masculino, mas que, além disso, existem outras formas de gênero, de as pessoas se identificarem de modo diferente” (Silva; Schwendler, 2022, p. 10). Foi observado que o preconceito contra as mulheres e a homofobia foi um fator predominante no curso das entrevistas, as autoras contataram que esses fatores estavam presentes no assentamento conforme relato dos docentes, e que se apresentavam de modo sutil no âmbito da escola, todavia, já atravessado por um processo de combate a discriminação e preconceito por parte dos próprios escolares. Silva e Schwendler (2022) inferem esse processo de não-discriminação e não-preconceito no âmbito escolar aos trabalhos formativos desenvolvidos pelo MST, já que o movimento promove o debate contra as desigualdades de gênero, na busca pela construção de um espaço rural livre de opressões.

No campo das práticas de ensino sobre as temáticas de gênero e sexualidade, Silva e Schwendler (2022) constataam que os docentes desenvolvem práticas que ora estão apoiadas sob uma “biologização e reprodução humana”, especialmente os docentes de ciências, e, ora sob uma sexualidade para além da biologia. Destaca-se que esse processo pode ser visto em outros contextos escolares brasileiros (rurais ou não). Interessante, observar a constatação de Silva e Schwendler, que parte dos docentes compreendem que os debates em sexualidade estão para além das perspectivas biomédicas, como apresenta uma das transcrições analisadas: “Nunca se pega essa questão do amor. Interessante porque isso não se trabalha. Então, às vezes, têm as pessoas que elas sentem atração, mas elas não sabem como lidar com isso.” (Silva; Schwendler, 2022, p. 12). Em análise do

contexto da Escola Estadual do Campo José Martí, Silva e Schwendler apontam uma “falta de preparo” dos docentes para trabalhar a questão da diversidade para além de um olhar biomédico. Indicam as autoras que esse despreparo se deve à falta de formação continuada sobre a temática, juntamente com a insegurança proporcionada pela conjuntura política que passa o Brasil, mais especificamente após as eleições presidenciais de 2018, logo, “o que os/as professores/as mais temem é a reação dos pais e mães, como a família iria interpretar essa questão de trabalhar a diversidade sexual e gênero.” (Silva; Schwendler, 2022, p. 14). Concluem as pesquisadoras apontando a importância dos processos formativos em diversidade de gênero e sexualidade para os docentes da escola do campo, o que possibilitará novas práticas pedagógicas que apresentam a sexualidade para além do viés biomédico.

Cardoso, Santos e Faleiro (2022, p. 04) em estudo desenvolvido junto ao Programa de Formação Escola da Terra Goiás - Formação de Professores e Partilha de Saberes (TerraFor-GO), cujo público-alvo foram professores/as da educação básica que atuam em escolas rurais, quilombolas e de assentamentos no Estado de Goiás, buscou a “oferta de recursos didáticos e pedagógicos que atendam às especificidades das populações do campo e quilombolas do estado.”. Com base nas experiências formativas em temas interdisciplinaridade, currículo e gênero os autores apresentam no estudo como os professores/as tem percebido a formação continuada.

Os autores apontam que há desafios para a educação no campo, especificamente a precariedade das escolas (infraestrutura física), a falta de recursos e as dinâmicas de organização do ensino frente as demandas do campesinato. Assim, o currículo escolar se apresenta enquanto lugar de desafio, pois não abrange os saberes do campo, excluindo a interdisciplinaridade das questões de diversidade, gênero e sexualidade, e ainda se apresenta como impositor com os próprios professores/as do campo, especificamente no período político pós-eleições de 2018 no Brasil.

Cardoso, Santos e Faleiro (2022) apontam que a perspectiva interdisciplinar é um fator que contribui para a emancipação dos alunos do campo, uma vez que, promove mudanças no currículo, adequando estes as demandas do campo, bem como uma maior efetivação nos contextos entre teoria e prática, que impacta na vida cotidiana dos alunos, familiares e comunidade local, o que promove o reconhecimento e diversidade dos espaços do campo.

A formação de professores na escola do campo também são alvo de investigação de Santos, Vieira e Alves (2023, 01), todavia, os autores trabalham especificamente “os processos de subalternização e não reconhecimento do feminino, da forma como o gênero está subalternizado nas dinâmicas camponesas.”. Interessante observar o questionamento dos autores sob a subalternização das mulheres no século XXI nas dinâmicas dos espaços rurais, mesmo diante dos avanços e conquistas das mulheres no campo social, afetivo e dos direitos. Tendo como base os estudos de Foucault e Butler, os autores realizaram a análise dos dados de um grupo focal com 7 participantes (estudantes e professores/as).

Santos, Vieira e Alves (2023) apresentam um aporte teórico sobre o gênero e apontam as relações históricas de as dinâmicas de saber-poder nos espaços sociais, familiares e escolares. Destacam que a estrutura social posta na sociedade brasileira é oriunda do patriarcado o que favorece os homens (cis-branco-heterossexual), esse padrão heteronormativo se intensifica nos espaços rurais, enquadrando as mulheres em lugares de desigualdades. Todavia, há processos de resistência frente a esse quadro social, como escrevem os autores: “há no campo uma luta da mulher pela sua visibilidade, reconhecimento e lugar de legitimação” (Santos; Vieira; Alves, 2023, p. 7).

As vias de resistência ocorrem através dos espaços escolares localizados no campo, pois como apontam os participantes da pesquisa, a escola é onde as conversas e diálogos sobre gênero e sexualidade surgem e escapam para outros espaços sociais. Santos, Vieira e Alves destacam que há uma urgência na formação de professores/as para as questões de diversidade, gênero e sexualidade na escola do campo. Interessante destacar a observação feita por Santos, Vieira e Alves (2023) no que tange as influências religiosas na formação das dinâmicas sociais dos espaços rurais, em especial no que se entende por papéis sociais de homens e mulheres. Assim, o trabalho de formação docente torna-se mais fundamental para a valorização da mulher camponesa, com base nos direitos humanos e reconhecimento social.

As dinâmicas cotidianas das escolas rurais são influenciadas por esses olhares rígidos sobre o gênero e a sexualidade, pois como apontam os participantes o debate em gênero e sexualidade encontra barreiras nos espaços de coordenação pedagógica e direção do ambiente escolar, uma vez que, os docentes que ocupam estes lugares estão ligados a instituições religiosas e/ou forças políticas conservadoras (pós eleições de 2018). Consideram os autores que historicamente há uma dupla negação da mulher camponesa,

uma por ser mulher, outra por ocupar os espaços rurais, que são historicamente vistos como culturalmente atrasados e/ou não desenvolvidos.

Alves e Flores (2023) em investigação nas escolas rurais do município de São Raimundo Nonato - Piauí, abordam como guisa de introdução os aspectos históricos e sociais do Brasil, especificamente, as bases patriarcais que estruturaram o país, destacando o papel do homem nessa formação social e sua associação com o poder e a autoridade. Para os autores; “as normas de conduta pertencentes às raízes coloniais ultrapassaram os séculos e trouxeram à cultura do Brasil contemporâneo um pensamento predominante na sociedade atual, a heteronormatividade.” (Alves; Flores, 2023, p. 376).

Na contemporaneidade brasileira, apontam os autores que a emergência do diálogo sobre diversidade surge nos setores de saúde, segurança, justiça e educação. No campo da educação a pesquisa de Alves e Flores (2023) aponta que as diversidades em gênero não são dissociadas do espaço escolar, uma vez que está é indispensável para a formação dos escolares, não estando apenas correlacionados ao estudo do corpo humano.

Um dos aspectos da educação sexual na escola rural contemporânea, segundo Alves e Flores (2023), são as dinâmicas de percepção dos discentes; urbano (plural), rural (tradicional). Ou seja, estudos mostram que em espaços rurais há uma maior tradicionalidade nas questões familiares e comunitárias, que censuram as diversas expressões das diversidades e de práticas sexuais. Assim, há uma maior introjeção e manutenção dos padrões cis-heteronormativos nos espaços rurais, que “excluem outras manifestações sexuais e afetivas que possam surgir nas relações cotidianas no meio rural.” (Alves; Flores, 2023, p. 385).

Alves e Flores (2023) em pesquisa de campo junto com professores/as das escolas municipais com o Ensino Fundamental (6º a 9º ano), na zona rural do município de São Raimundo Nonato, no Estado do Piauí, apontam como resultados: que a maioria dos docentes participantes não possuem formação continuada sobre as questões de diversidade sexual, que é um indicativo de lacunas existentes na formação docente (inicial e/ou continuada) para trabalhar com as temáticas de gênero e sexualidade em sala de aula. Os pesquisadores observaram que há insegurança pessoal por parte dos docentes (46,7%) para solucionar questões e/ou problemas cotidianos que possam surgir no ambiente de sala de aula que são correlacionados a diversidade sexual. Para Alves e Flores, tal dificuldade tem relação com a falta de formação profissional, sendo fundamental a formação continuada.

O trabalho docente envolve o planejamento das aulas e atividades que são desenvolvidas ao longo do período letivo, Alves e Flores (2023), indicam que 73,3% dos professores/as participantes não incluem em seu plano de trabalho o tema da educação sexual, apenas 20% incluem o tema, e 6,7% não soube responder à questão. Ao final foi perguntado aos participantes da pesquisa quais seriam os temas de interesse para formação continuada, as propostas tiveram como temas: “orientação sexual, identidade de gênero, igualdade de direitos e liberdade sexual, além de abordagens de temas como discriminação, acolhimento, aceitação de jovens sexualmente diversos, métodos contraceptivos e ISTs” (Alves; Flores, 2023, p. 395). Consideram os autores diante da pesquisa que as escolas rurais da zona rural do município de São Raimundo Nonato-PI, possuem a necessidade de implementação da educação sexual no espaço escolar, uma vez que, a comunidade escola percebe que a diversidade sexual está presente no cotidiano escolar e que há uma demanda por parte dos professores para uma formação continuada para melhor lidar com questões que surgem no dia a dia da escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos elencados para a revisão sistemática narrativa apontam que: (01) as questões de gênero e sexualidade são emergentes nos espaços escolares rurais, implicando a compreensão das dinâmicas próprias desse espaço, ora atravessado pela rigidez das tradições e/ou costumes em relação aos papéis de gênero, ora atravessados pelos avanços no respeito as vivências e experiências de pessoas LGBTQIAP+. Assim, nota-se que as relações de gênero e sexualidade nos espaços e escolas rurais apresentam dinâmicas específicas que devem ser vistas em sua singularidade no campo das pesquisas educacionais. (02) As pesquisas analisadas apontam para as dificuldades encontradas pelos professores/as no que tange as práticas pedagógicas em sala de aula sobre as temáticas de diversidade, gênero e sexualidade. Assim, a formação continuada é apontada como meio/forma para solucionar essa problemática, pois como visto, na formação inicial houve um déficit no que tange as relações de gênero sexualidade e educação. (03) Ainda em relação aos professores/as, pode-se evidenciar que há por parte dos professores/as um receio em debater e discutir sobre gênero e sexualidade nos espaços escolares rurais, além do déficit de formação, há nos professores/as um medo e/ou receio de apresentar tais temáticas nas aulas, já que houve um aumento do conservadorismo (muitas vezes

reacionários) por uma parte da população após as eleições de 2018. (04) Os estudos analisados mostram que nos espaços escolares rurais, as questões de gênero e sexualidade são apresentadas ainda sob um olhar biomédico, onde o foco recai sob os assuntos específicos do Ensino de Ciências (sistema endócrino e reprodutivo; infecções sexualmente transmissíveis; gravidez na adolescência e meios contraceptivos).

REFERÊNCIAS

ALVES, Thyanne Michelle Ferreira; FLORES, Fulvio Torres. DIVERSIDADE SEXUAL: PERSPECTIVAS DOCENTES EM UNIDADES ESCOLARES RURAIS DE SÃO RAIMUNDO NONATO (PIAUÍ, BRASIL). *Linguagens, Educação e Sociedade*, v. 27, n. 53, p. 374-401, 2023.

BARBOSA SANTOS, Welson; MACHADO VIEIRA, Mauro; DE OLIVEIRA ALVES, Denise. GÊNERO E SEXUALIDADE NA DINÂMICA ESCOLAR CAMPESINA. *Revista Foco (Interdisciplinary Studies Journal)*, v. 16, n. 1, 2023.

BROFMAN, Paulo Roberto. A importância das publicações científicas. *Revista Telfrac*, v. 1, n. 1, 2018.

CALDART, Roseli Salete. A escola do campo em movimento. *Currículo sem fronteiras*, v. 3, n. 1, p. 60-81, 2003.

CORDEIRO, Alexander Magno et al. Revisão sistemática: uma revisão narrativa. *Revista do colégio brasileiro de cirurgiões*, v. 34, p. 428-431, 2007.

CORRÊA, Roberto Lobato. *O Espaço Urbano*. 3. Ed. São Paulo: Editora Ática, 1995.

DA SILVA, Luciane Olegario; SCHWENDLER, Sônia Fátima. Gênero e sexualidade na escola do campo: desafios e possibilidades da prática docente. *Horizontes*, v. 40, n. 1, p. e022035-e022035, 2022.

DE FREITAS CARDOSO, Elisandra Carneiro; SANTOS, Welson Barbosa; FALEIRO, Wender. Escola da Terra no estado de Goiás: uma proposta interdisciplinar do debate de gênero para o currículo. *Revista Brasileira de Educação do Campo*, v. 7, p. e13831-e13831, 2022.

DIAS, Alfrancio Ferreira; DE OLIVEIRA, Danilo Araujo; DE SANTANA SANTOS, Madson. Uma revisão sistematizada da produção do conhecimento sobre corpo, gênero, sexualidades na educação. Universidade Federal da Paraíba. *Revista Temas em Educação*, v. 27, n. 2, p. 119, 2018.

FURLANETTO, Milene Fontana et al. Educação sexual em escolas brasileiras: revisão sistemática da literatura. *Cadernos de pesquisa*, v. 48, p. 550-571, 2018.

HOHENDORFF, Jean Von. Como escrever um artigo de revisão de literatura. *Manual de produção científica*, p. 39-54, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2. edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1997.

MARQUES, Marta Inez Medeiros. O conceito de espaço rural em questão. *Terra livre*, n. 19, 2002.

NAVARRO, Zander. Meio século de transformações do mundo rural brasileiro e a ação governamental. *Revista de Política Agrícola*, v. 19, n. 5, p. 107, 2010.

SANTANA, Clara Gomes; MESSIAS, Franciele Reis; PINHO, Maria Jose Souza. Gênero, sexualidade e escola: o que e quem tem pesquisado na educação básica?. *Revista Multidisciplinar do Núcleo de Pesquisa e Extensão (RevNUPE)*, v. 1, n. 1, p. e202106-e202106, 2021.

SCHWENDLER, Sônia Fátima; VIEIRA, Else RP. Diversidade de gênero e educação nas áreas rurais do Brasil. *Cadernos Pagu*, p. e226404, 2022.

VIANNA, Claudia Pereira et al. Gênero, sexualidade e educação formal no Brasil: uma análise preliminar da produção acadêmica entre 1990 e 2006. *Educação & Sociedade*, v. 32, p. 525-545, 2011.

ZERBINATI, João Paulo; DE TOLEDO BRUNS, Maria Alves. Sexualidade e Educação: revisão sistemática da literatura científica nacional. *Travessias*, v. 11, n. 1, p. 76-92, 2017.